

A PRESENÇA DAS MULHERES EM NARRAÇÕES ESPORTIVAS DE RÁDIO

THE PRESENCE OF WOMEN IN RADIO SPORTS NARRATIONS

¹Renata Ferreira de Miranda

RESUMO

Introdução: É de conhecimento do público em geral, que o futebol é a paixão nacional e que o rádio é o alicerce para a maioria dos comunicadores, conforme as evoluções populacionais aconteciam, o rádio também se evoluía, porém, esse ambiente desde o seu início é voltado para o sexo masculino. **Objetivo:** Analisar o espaço da mulher na narração esportiva no rádio, especificamente no futebol. **Método:** O estudo se caracteriza pela pesquisa qualitativa baseando-se nos portais de comunicação como o Intercom e Observatório da Imprensa, onde se analisou o que já foi abordado sobre a narração envolvendo as mulheres no rádio em partidas de futebol. **Resultados e Discussão:** É contemporâneo e quase natural ver as mulheres ocupando cenários antes masculinos apresentando desenvoltura e profissionalismo, no ramo das narrações esportivas de rádio tal constatação é equivalente. **Conclusão:** A inserção da mulher no mundo da narração esportiva do futebol começou de forma tímida, foi ganhando novos cenários e nos dias atuais, está se tornando uma presença natural aos olhos e ouvidos de quem acompanha os noticiários esportivos, porém há muito a ser conquistado.

PALAVRAS-CHAVE: Rádio, Narração, Futebol, Mulher.

ABSTRACT

Introduction: It is known to the general public that football is the national passion and that radio is the foundation for most communicators, as population changes took place, radio also evolved, however, this environment since its inception is focused on for the male. **Objective:** To analyze the space of women in sports narration on the radio, specifically in football. **Method:** The study is characterized by qualitative research based on communication portals such as Intercom and Observatório da Imprensa, where we analyzed what has already been discussed about the narration involving women on the radio in football matches. **Results and Discussion:** It is contemporary and almost natural to see women occupying scenarios that used to be male, showing resourcefulness and professionalism, in the field of radio sports narrations, this finding is equivalent. **Conclusion:** The insertion of women in the world of football sports narration started timidly, gained new scenarios and nowadays, it is becoming a natural presence in the eyes and ears of those who follow the sports news, but there is much to be conquered.

KEYWORDS: Radio, Narration, Football, Woman.

¹ Pós graduada em Jornalismo Esportivo pela Uninter.
Email:renatajornalismobjetivo@gmail.com.
Orcid: 0000-0001-6152-077X

INTRODUÇÃO

O futebol especificamente é o esporte considerado a paixão nacional, um esporte que leva multidões aos estádios e arenas, onde vibram, opinam e torcem. Esporte esse que além de revelar jogadores, desde quando entrou nas casas brasileiras e nos corações, revelaram vozes e imagens que hoje em dia são memoráveis, os nossos narradores, os contadores de histórias.

Já dizia Franzini (2005), “um dos aspectos menos conhecidos da história do futebol no Brasil diz respeito à inserção da mulher nesse universo eminentemente masculino”. A demonstração de conhecimento quando a mulher consegue pelo menos entrar na editoria de esporte, é testada. Assim como exemplifica Coelho (2009), “é mais fácil demonstrar conhecimento sobre vôlei, basquete e tênis do que sobre futebol e automobilismo”. Ou seja, para o autor nestas duas últimas modalidades, a introdução da mulher não acontece de uma forma tão fácil e aceitável.

Em seu artigo sobre a mulher nesse universo esportivo, Amaral (2020) até aborda a questão da discriminação, onde traz que “mesmo conquistando seus espaços no jornalismo esportivo como colunistas,

repórteres, comentaristas, apresentadoras e falando sobre qualquer esporte, especialmente o futebol, o preconceito contra as mulheres continua”.

Apesar dessas adversidades, um exemplo que consta neste estudo é o da profissional Isabelly Moraes, que sempre gostou de esporte, mas nunca se viu narrando futebol, e através de uma oportunidade dada pelo seu chefe, o público pôde ver e ouvir a capacidade que ela tinha de ir muito mais longe, e foi o que aconteceu. Durante este trabalho, histórias como essa será notada pelo leitor, a fim de demonstrar que o cenário começou a mudar, e que nos dias atuais já podemos citar nomes de mulheres que estão conseguindo seu espaço em uma área que até pouco tempo só contava com homens na sua maioria.

MULHER X NARRAÇÃO

Entender as causas que levam uma pessoa a morrer de amores por um esporte específico pode parecer difícil, porém Guterman (2010, p. 63), traz para o entendimento do público que, a política andou junta com o surgimento e a paixão pelo futebol, quando o autor aborda que, a seleção brasileira começava a representar a pátria, e o

A mulher nas transmissões esportivas de futebol no rádio

futebol, em geral, era uma robusta manifestação de história brasileira – o futebol, que mobilizava a massa de brasileiros cada vez mais urbanos, e o rádio, que cumpria o papel de levar a essa massa todo tipo de informação e entretenimento, ao vivo e com emoção – gerou enormes possibilidades políticas, como Getúlio, com sua impressionante capacidade de adaptação, não tardou a perceber (GUTERMAN, 2010, p. 75).

De acordo com Costa e Abreu (2016, p. 02) “o futebol desde sua origem se caracteriza como um esporte atrelado ao sexo masculino”, e diante das questões de gênero, as autoras também debatem as questões das metas e espaços que as mulheres vêm alcançando.

É notório que a imagem antiga da mulher associada ao futebol tem sido contestada nas múltiplas visões acerca do tema nos dias atuais, fato impulsionado pela conquista de vários direitos nos âmbitos profissionais e sociais. Desde modo, percebe-se que, nas últimas décadas a participação das mulheres em diversos locais onde a predominância masculina era alta, acarretou uma nova dinâmica social que está caracterizada pela tentativa da redução das diferenças entre os gêneros (COSTA E ABREU, 2016, p. 02).

brasilidade. A união desses dois fenômenos da

Em sua obra *Jornalismo em Rádio*, Neto (1993) reforça a potência do rádio trazendo algumas qualidades desse veículo de comunicação, onde pode se notar, ser um espaço que o homem dominava. Mobilidade, acessibilidade, cumplicidade e instantaneidade são qualidades que o autor aborda, mas o que resumiria tudo isso seria a facilidade, onde “fazer rádio é muito fácil, porém, nem todos têm capacidade de fazer” (NETO, 1993, p. 15).

Narrador Galvão Bueno, lembrado principalmente em jogos oficiais da seleção brasileira, e saudado também por Ronaldo Nazário de Lima, que o chamou de “porta-voz do povo nos estádios”, na obra *Fala Galvão*, que teve como autores o próprio narrador e também Ingo Ostrovsky (2015, p.11), é um exemplo de narrador que começou no rádio.

Conforme relembra Mendonça (2017) sobre o Decreto-Lei 3.199 do Conselho Nacional de Desportos (CND), de 1941, que decretava que o futebol deveria ser praticado por homens e os times que descumprissem o decreto sofreriam consequências, mas conforme se passou o tempo e este decreto não vingou e logo as mulheres já estavam ganhando todos os espaços possíveis para a época. “As mulheres chegaram até mesmo a

A mulher nas transmissões esportivas de futebol no rádio

serem proibidas por lei de participarem do jogo. Por quase 40 anos - de 1941 a 1979 -, se elas fossem vistas jogando futebol, poderiam ser levadas para a delegacia” (MENDONÇA, 2017).

No rádio, a primeira voz de que se tem conhecimento foi a de Maria Beatriz Roquette Pinto, filha de Roquette Pinto, onde trabalhou na Rádio Sociedade do Rio de Janeiro. Quem não conhece a história da Beatriz Roquette-Pinto poderia facilmente dizer que é um típico caso de nepotismo. Mas a educação esmerada na Europa, além de uma bela voz, deu a Beatriz o perfil de profissional que Roquette-Pinto queria atuando na rádio - que pudesse levar educação para os brasileiros (CONECTE MULHER, 2020).

Através da Rádio Mulher, de São Paulo, no ano de 1971, um grupo de mulheres começaram a se dividir entre narrações, comentários e reportagens. Claudete Troiano comandava as mulheres que ficavam com a parte das narrações. Já Leila Silveira na parte dos comentários e as reportagens por conta de Germana Garili e Jurema Iara onde ficou para história como uma transmissão feita 100% por mulheres.

Na década de 1960, uma mulher ficou conhecida como a “Moça do Flamengo”. Marilene Dabus foi a primeira setorista do time rubro-negro no Rio de Janeiro, e hoje dá nome à

sala de imprensa do clube. Depois, Cidinha Santos foi o rosto feminino em meio à multidão de jornalistas cobrindo o milésimo gol de Pelé no Maracanã (PORTAL DIBRADORAS, 2020). Ao expor os exemplos, o objetivo principal deste estudo é analisar o espaço da mulher na narração esportiva no rádio, especificamente no futebol.

MÉTODO

A pesquisa realizada para este trabalho foi do tipo qualitativa, assim como enfatizado por Flick (2009, p. 20), “a pesquisa qualitativa é de particular relevância ao estudo das relações sociais devido à pluralização das esferas de vida”, onde os meios utilizados para a estruturação desta pesquisa foram sites especializados na área esportiva, como Globo Esporte, portais de comunicação como o Intercom, Observatório da Imprensa, obras de autores como Neto (1993) relatando sobre a questão do jornalismo no rádio, Coelho (2009), enfatizando a figura da mulher no futebol com intuito de analisar e relatar os estudos já abordados sobre o cenário da narração envolvendo as mulheres no rádio em partidas de futebol, as opiniões relatadas pelas próprias narradoras sobre a sensação em ter narrado uma partida, e também autores que enfatizaram sobre esse mercado narrativo que está em

A mulher nas transmissões esportivas de futebol no rádio

crescimento, devido a isso, o trabalho é composto por esse estilo de pesquisa

DISCUSSÃO

Renata Silveira foi a primeira mulher a narrar futebol na emissora Globo, devido a um concurso realizado pela Rádio Globo no ano de 2014. Conforme abordado por Masutti (2021), a narradora e dançarina afirmou em entrevista que a presença da mulher no ambiente das narrações é um caminho que não tem mais volta e que, “os homens também precisam abraçar a causa”, onde enfatizou sobre a questão do homem pois para ela, “se ficarem lutando contra isso, não vamos chegar a lugar algum” (MASUTTI, 2021).

Sobre a oportunidade tida pela narradora na emissora, Santos (2014) através do Observatório da Imprensa afirmou que, “ela só pode narrar este jogo e ainda assim pela web, por se tratar do principal evento esportivo do mundo e evitando possível repúdio do público”. Temos comentaristas, apresentadoras na área, porém na narração existe um certo cuidado na colocação de mulheres para realizar as narrações. O público se acostuma com as mudanças desde que elas existam, assim como enfatizado pela narradora Renata Silveira em entrevista sobre a questão das mudanças, onde toda mudança gera desconforto no início, ela afirmou que “tudo o que é novo a gente estranha”, mas a vontade de

mudar, de sair da zona de conforto, pode ser um diferencial para o surgimento de novas vozes.

Em 2017 em entrevista a Redação Sportv no portal Gazeta Online, Isabelly Moraes falou sobre a oportunidade que teve, onde estando pela rádio Inconfidência, de Belo Horizonte, teve a chance com apenas 20 anos de idade, de narrar pela primeira vez, e em um jogo do Campeonato Brasileiro da série B. Na oportunidade relatou gostar de esportes, mas que em momento algum de sua vida pensou em narrar, e através de seu chefe na rádio, recebeu esse convite e que acabou dando certo. “Eu não tinha dentro das minhas projeções a narração. Foi um sonho do meu chefe, José Augusto Toscano, da Rádio Inconfidência. No primeiro contato que fiz com a rádio, pedindo estágio, ele me perguntou se eu seria narradora. Eu abracei a ideia dele, porque eu nunca tinha pensado em ser narradora. Eu nunca tive nenhuma referência de narradora mulher dentro do jornalismo esportivo” (MORAIS, 2017).

Diante disso a narradora se inscreveu para um concurso da Fox Sports para entrar no time que narraria a Copa do Mundo de 2018 na Rússia. Ao final do concurso, de acordo com Lima (2018), ela conseguiu entrar para a equipe de narradores da empresa, juntamente com Manuela Avena e

A mulher nas transmissões esportivas de futebol no rádio

Renata Silveira (citada anteriormente quando teve a oportunidade de narrar para web).

Através dos exemplos dessas mulheres, percebe-se neste trabalho sobre a questão da presença da mulher no rádio, mesmo que depois de um tempo o profissional vá para a televisão, mas o início da carreira passou pelas ondas do rádio, evidenciando ainda mais a importância desse meio de comunicação. Uma pesquisa de 2019 feita pela jornalista Renata Nassar para um trabalho de conclusão de curso, e relatada por Almeida (2019), revelou que 96,55% das profissionais que foram entrevistadas afirmaram que o preconceito e o machismo, são enfrentados por elas diariamente.

Estela Mareco, na região do Paraguai, é um exemplo que podemos citar sobre a real sensação de narrar uma partida pelo rádio. De acordo com Colombari (2013), Estela Mareco, advogada e jornalista de formação começou a narrar jogos de futebol em 1999, ela ganhou destaque internacional na Copa América do mesmo ano quando trabalhava pela Rádio Nanawa AM 1080 de Luque, cidade na região metropolitana de Assunção. Durante entrevista, Mareco contou um pouco da sua história no rádio e também sobre a questão de estar num ambiente considerado masculino. “Os homens em meu país já

não são tão machistas para aceitar uma mulher, mas apenas como cronistas, jamais como comentaristas. Meu caso é muito particular e único em meu país, como em toda a América do Sul e no mundo. Sou a diretora geral do meu próprio programa, comprando espaço na rádio e pagando meus companheiros como comentarista, coordenador, voz comercial e cronistas que me façam a parte de campo do estádio. Nunca fui contratada por uma rádio, sempre me fiz independente e sempre produzi meu próprio programa” (COLOMBARI, 2013).

Outra profissional que pode ser citada é Emma Jones. Formada em jornalismo na Universidade Westminster, em Londres. Trabalhou em algumas rádios locais, e no ano de 2000 começou a trabalhar na BBC como repórter de notícias gerais e em 2006 foi convidada para ser narradora. Para o jornal UOL em 2015 ela revelou o amor sentido pelo rádio e sua ligação com o esporte. “Eu amo o rádio, porque é instantâneo. Se estou em algum lugar e algo acontece, posso falar diretamente com o meu ouvinte, não preciso me preocupar com imagens ou cenário. Especialmente no esporte, se algo emocionante acontece, como um gol, posso fazer essa ligação direta e fantástica com o público” (JONES, 2015).

Destacando também mulheres na narração do futebol na televisão,

A mulher nas transmissões esportivas de futebol no rádio

Claudia Neumann é um dos exemplos analisados. De acordo com a publicação do portal DW Made for minds, Neumann recebeu críticas e até ameaças depois de uma narração realizada por ela na televisão. Escalada para narrar uma partida da Eurocopa 2016, Neumann se deparou com pessoas reclamando da sua voz e até dizendo que mulher não deveria estar narrando jogo de futebol.

Segundo Neumann (2016), “se ajudar a tornar mais fácil o caminho para algumas jovens colegas do sexo feminino, está tudo bem”. Assim como teve pessoas que a julgaram, ela encontrou também os que a apoiaram e incentivaram a continuar representando as mulheres em um ambiente masculino.

Conforme entrevista de Carvalho (2014), a jornalista Ermelinda Rita, diante das questões de machismo e do envolvimento da mulher nesse ambiente masculino, declarou que as mulheres estão ganhando mais espaço e que não há discriminação em relação a isso. “A voz feminina não é mais vítima de preconceito no rádio brasileiro. Em relação ao mercado de trabalho, no radiojornalismo, considero que não há discriminação. Pelo contrário, acredito que as mulheres estão sendo mais valorizadas. Há um número maior atuando nas redações das emissoras de rádio e conquistando

um espaço importante com a ocupação de cargos altos” (CARVALHO, 2014).

Além das questões envolvendo as narrações, vale ressaltar o crescimento da mulher em outros setores dentro ainda do jornalismo esportivo. Renata Fan, Miss Brasil em 1999, deixou as passarelas para se dedicar as apresentações de esportes, especialmente o futebol, na apresentação do programa Jogo Aberto, pela Band. Já em uma outra emissora, agora pela Globo, Fernanda Gentil que também foi ganhando espaço principalmente na Copa das Confederações em 2013.

Estes exemplos, tanto no rádio quanto na televisão, dessas mulheres narrando, apresentando ou comentando os diversos esportes com ênfase no futebol, revela um ambiente atualmente mesclado, tendo ainda algumas restrições, porém já com visões de mercado diferente, a mulher está conseguindo se inserir a cada dia nesse meio. É o que exemplifica também Leandro Massoni Ilhéu quando relata sobre os profissionais de comunicação, “ou seja, os profissionais de comunicação devem ter sua participação ativa na imprensa, sejam eles homens ou mulheres, bem como sua liberdade de opinião. O preconceito em relação a presença feminina no jornalismo, que ainda pode ser visível em diversos veículos, já vem sendo eliminado há tempos e deverá ser

A mulher nas transmissões esportivas de futebol no rádio

completamente extinto em breve” (ILHÉU, 2016).

CONCLUSÃO

Diante das pesquisas realizadas em sites especializados, artigos envolvendo a mulher nas narrações, se conclui que, conforme oportunidades vão sendo dadas as mulheres, mais delas aparecem e são levadas ao conhecimento de um outro público. Pagliosa e Hermes (2018), enfatizam sobre essa participação das mulheres e as dificuldades enfrentadas por elas para serem aceitas em um ambiente onde por muito tempo se predominou a voz masculina.

Para alcançar espaço no rádio, a mulher necessitou ultrapassar limites como o preconceito, o machismo, as condições históricas e culturais. A mulher se inseriu neste meio desde o surgimento da primeira emissora no Brasil, em 1923. Entretanto, a história

do rádio revelou que esse campo sempre foi ocupado predominantemente por vozes masculinas. As mulheres estavam condicionadas, primeiramente, a espaços de entretenimento, atuando como cantoras ou atrizes. Nas emissoras, o público feminino surge como uma necessidade de compor uma dupla para apresentação ou para atuar em programas de variedades. Ao longo, dos quase 100 anos de existência do rádio no país, as mulheres seguem como minoria no quadro profissional das emissoras.

Portanto, conclui-se desse estudo que, a inserção da mulher no mundo da narração esportiva do futebol começou de forma tímida, foi ganhando novos cenários e nos dias atuais, está se tornando uma presença natural aos olhos e ouvidos de quem acompanha os noticiários esportivos, porém há muito a ser conquistado.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, F. **Em pesquisa, mais de 85% das jornalistas afirmam sofrer preconceito na cobertura esportiva.** Tribuna de Minas, 2019.
- AMARAL, C. L. **O jornalismo esportivo e a mulher: uma análise sobre a presença de narradoras e comentaristas na televisão brasileira.** Universidade de Caxias do Sul, 2020.
- CARVALHO, L. **“A voz feminina não é mais vítima de preconceito no rádio”, diz Ermelinda Rita.** Portal Imprensa, 2014.
- COELHO, P. V. **Jornalismo Esportivo.** São Paulo. Ed. Contexto, 2009.

A mulher nas transmissões esportivas de futebol no rádio

COLOMBARI, E. **“Com vocês, Estela Mareco: a primeira narradora do Paraguai e do mundo”**. Última Divisão, 2013.

CONECTE MULHER. **Beatriz Roquette-Pinto e o pioneirismo feminino no rádio brasileiro**. 2020.

COSTA, Y. L.; ABREU, R. O. **Mulher e futebol: Desigualdade de gênero e Influência Midiática**. Congresso Internacional de História, p. 02, 2016.

DIBRADORAS. **Futebol pode ser mais diverso: mulheres conquistam espaço nas transmissões**. 2020.

FLICK, U. **Introdução à pesquisa qualitativa**. Universidade Estadual Paulista. 3 ed, p. 20, 2009.

FRANZINI, F. **Futebol é “coisa para macho”? Pequeno esboço para uma história das mulheres no país do futebol**. Revista Brasileira de História. Universidade de São Paulo, 2005.

MORAIS, I. **Pela primeira vez no Brasil, uma mulher narra uma partida de futebol**. 2017.

GUTERMAN, M. **O futebol explica o Brasil: uma história da maior expressão popular do país**. São Paulo. Ed. Contexto, p.63 e 75, 2010.

ILHÉU, L. M. **A presença da mulher no esporte**. Comunique Esporte, 2016.

JONES, E. **Emma Jones é sucesso como narradora esportiva na Inglaterra**. Observatório da tv, 2015.

LIMA, T. **Elas terão voz na copa!**. Portal Lance, 2018.

MASUTTI, V. **É um caminho sem volta, diz 1ª mulher a narrar futebol na Globo**. Portal Folha de S. Paulo, 2021.

MENDONÇA, R. **Por que futebol ainda é esporte ‘só para homem’ no Brasil?**. BBC Brasil, 2017.

NETO, L. G. C. **Jornalismo em rádio: curso de radiojornalismo**. Unda Brasil, p. 15, 1993.

NEUMAN, C. **Narradora de futebol é alvo de insultos na Alemanha**. Portal Dw Made for Minds, 2016.

OSTROVSKY, I.; BUENO, G. **Fala, Galvão!**. São Paulo. Ed. Globo. 1 ed, p.11, 2015.

PAGLIOSA, L.; HERMES, D. **O rádio em Chapecó-SC: um mercado ainda predominado por homens diante da frágil participação feminina**. Intercom, 2018.

SANTOS, A. D. G. **A presença feminina no jornalismo esportivo**. Jornal Observatório da Imprensa, 2014.